

## “Duzentas” gramas

Tenho um amigo que fica indignado quando peço na padaria “duzentas” gramas de presunto – já que a forma correta, insiste ele, é duzentos gramas. Sempre discutimos sobre os diferentes modos de falar. Ele argumenta que as regras de pronúncia e de ortografia, já que existem, devem ser obedecidas, e que os mais cultos (como eu, um cara que traduz livros) devem insistir na forma correta, a fim de esclarecer e encaminhar gente menos iluminada.

Eu sempre argumento que, quando ele diz que só existe uma forma correta de falar, está usurpando um termo de outro ramo, que está tentando aplicar a ética à gramática, como se falar corretamente implicasse algum grau de correção moral, como se dizer “duzentas” significasse incorrer numa falha de caráter, e dizer duzentos gramas fosse prova de virtude e integridade. Ele vem então com aquela de que se pode desculpar a moça da padaria quando fala “duzentas”, pois ela desconhece a norma culta, mas quanto a mim, que a domino, demonstro uma falha de caráter ao ignorá-la em benefício dos outros – só para evitar o constrangimento de falar diferente. “Quem sabe fazer o bem e não o faz comete pecado” – parece concluir.

Eu reconheço, sim, que falo de forma diferente dependendo de quem seja meu interlocutor. Às vezes uso deliberadamente formas como “tentêmo” ou “vou ir”. Pelo mesmo motivo, todas as gírias e dialetos locais me interessam. Não que – por exemplo – a decisão de dizer “duzentas” gramas seja consciente, uma premeditação em favor da inclusão social. É que, algumas vezes, a coisa certa a se fazer – sobretudo na linguagem falada – é ignorar a norma, ou pervertê-la. Quando peço “duzentas gramas de presunto, por favor”, a moça da padaria invariavelmente repete, como que para extorquir minha profissão de fé à norma inculta:

– DUZENTAS?

– Duzentas, confirmo eu, já meio arrependido, mas caindo, ainda assim, em tentação.

(Paulo Brabo. A bacia das almas.)



**Faça as Atividades no Caderno**  
Atenção: Responda com capricho e faça a correção.

**01.** No texto “Duzentas gramas” encontramos três indivíduos que possuem diferentes características em relação ao uso linguagem. Explique em que eles são diferentes.

**02.** O autor do texto defende o uso da linguagem informal em qualquer situação? Explique.

**03.** Que tipo de linguagem o autor usou no texto apresentado? Justifique.

**04.** Leia a música “No Ceará não tem disso não” de Luiz Gonzaga e faça o que se pede:

Tenho visto tanta coisa nesse mundo de meu Deus  
Coisas que prum cearense não existe expricação  
Qualqué pinguinho de chuva fazê uma inundação  
Moça se vesti de cobra e dizê que é distração  
Ocês cá da capitá me adiscurpe essa expressão  
No Ceará não tem disso não...  
Tem disso não, tem disso não...



- Que linguagem foi usada para compor essa música?
- O que te levou a esta conclusão?
- Como podemos caracterizar o Eu-lírico desse texto?
- Qual é a situação em que o texto foi apresentado?
- A linguagem usada é apropriada para a situação?

**05.** Leia o texto retirado de uma mensagem de um adolescente e responda as perguntas:

“E aí, moral! Tu vai p/ ksa do Paulin estudar hj?

Se for, chama o kbça tbm q ele disse q keria ir. Vlw, muleq!”

- A linguagem deste texto é considerada culta ou coloquial?
- Por que o autor desta mensagem escreveu usando essa escrita?
- Essa escrita atrapalhou o entendimento do texto?
- Essa escrita pode ser usada nos trabalhos escolares? Por quê?
- Reescreva essa mesma mensagem usando a norma culta da língua.

**05.** Leia a tirinha abaixo e responda:



- A linguagem empregada está de acordo com a situação. Explique.
- Reescreva as falas dos dois primeiros quadrinhos imaginando que seja um empresário falando com um cliente